

ARTIGOS

A DIÁSPORA JUDAICA EM ROMA, DAS ORIGENS ATÉ NERO (II).

O Proselitismo Judaico em Roma.

ÊNIO ALOISIO FONDA

Regente da Cadeira de Língua e Literatura Latina da
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis (SP).

Depois de ter alinhado num roteiro histórico as origens e o dever da diáspora judaica em Roma (1), será de grande interesse seguir também os testemunhos sôbre a atitude que o mundo romano assumiu em face desses orientais que perfaziam, em Roma, um núcleo religioso à parte.

No começo, quando a diáspora estava ainda diminuta e diluída, os judeus poderiam ter suscitado apenas uma curiosidade neutra, porque à vista de tantos *peregrini* (2) oriundos de povos diversos e de costumes mais curiosos, os romanos estavam acostumados a qualquer surpresa. Essa neutralidade passiva, porém, não vingou por muito tempo, pois percebera-se logo que aquela raça estranha tomava sempre mais vulto embora não se aclimatasse nem ambientasse socialmente. A comunidade judaica constituía como que um baluarte espiritual impenetrável pelo simples fato de se considerar superior aos romanos em relação à religião e à moral. Doutro lado, porém, não passavam os judeus, à vista dos romanos, de andrajosos e incultos que viviam encostados no helenismo sem tudo jamais se deixarem integrar.

O romano, além disso, não podia perceber que êsses orientais não notassem sua superioridade social e cultural, relutando com inexplicável presunção a reconhecer sua própria inferioridade, que veio a ser interpretado como uma misteriosa atitude de soberba.

Mas nisso tudo preponderava fundamentalmente a questão religiosa. Naquele tempo prosperavam em Roma diversas religiões *peregrinae*, tendo tôdas elas um fundo comum que as caracterizava por seus cultos, festas, divindades, templos e sacrifícios. A religião mosaica, porém, comparada a elas, divergia das demais por tudo e em tudo. Não possuía templos, desconhecia os sacrifícios cruentos e, o

(1). — *Revista de História*, vol. XXXIX, nº 79, ano XX, pp. 39-50.

(2). — *Peregrini* eram chamados em Roma os estrangeiros nela residentes ou em trânsito por ela.

que mais estranhava, não cultivava um deus visível e tangível, antropomorfo. Além disso, a profunda aversão que os judeus tinham pelo politeísmo bem como o seu imutável *contemnere deos* (3) era o que bastava para definí-los “raça incrédula e ímpia”. Dizia-se, bem é verdade, que tinham um único templo em cuja *cella* morava seu deus misterioso e sobremodo poderoso (4). A ausência de um deus no seu templo veio consolidar definitivamente a assertiva de seu “ateísmo” (5) quando Pompeu Magno, em 63 a.C., ao transpor a *cella* do templo de Jerusalém, achou *nulla intus deum effigie vacuam sedem et inania arcana* (6). Com relação à divindade adorada pelos judeus era ainda comum a opinião de Lucano que se referia a um *incertus deus* (7) e a de Juvenal que asseverava que *nihil praeter nubes et caeli numen adorant* (8).

Eram essas, substancialmente, as idéias acêrca dos judeus no mundo romano; e não é difícil compreender como por trás dessas prevenções, os inexoráveis romanos acolhessem fãcilmente informações deslustradoras sôbre os adeptos da Lei mosaica (9). Mais tarde aconteceria o mesmo em relação aos cristãos.

O que mais os tornava ridículos, era a circuncisão. O “circunciso”, tantas vêzes citado na poesia satírica latina, era quase sempre o judeu, a quem as passagens ressaltam em têrmos depreciativos: *verpus* (10), *recutitus* (11) e *curtus* (12). Marcial, Juvenal, Pérsio e Horácio divertem-se com êsses apelativos cuja senha denunciava a origem hebraica do assinalado, visto designarem a circuncisão.

O comportamento social dos judeus estava mais que definido pelo altaneiro isolar-se dos não-judeus e pela irrestrita coesão que os irmanava. Mas três elementos os caracterizam sobremaneira:

(...) *apud ipsos fides obstinata, misericordia in promptu; sed adversus omnes alios hostile odium* (13).

Juvenal dirige aos judeus acusações quer quanto à religião quer salientando seu desprezo às leis romanas e o acatamento às mosaicas,

(3). — Tácito, *Hist.*, V, 5.

(4). — Tácito, *Hist.*, V, 5.

(5). — Na rigorosa acepção do têrmo: sem possuir imagem de um deus.

(6). — Tácito, *Hist.*, V, 9.

(7). — Lucano, *Pharsal.* II, 593.

(8). — Juvenal, *Sat.* XIV, 97.

(9). — Cf. os autores citados sob a nota nº 34. Interessantes são também as opiniões de Tácito — *Hist.* V, 2; 3; 4; 5; 8; 9 e de Cícero, *Pro L. Valerio Flacco*, 28.

(10). — Marcial, *Epigr.* VII, 82, v. 6; Juvenal — XIV, 104.

(11). — Marcial, *Epigr.* VII, 30, v. 5; Pérsio — *Sat.* V, 184.

(12). — Horácio, *Sat.* I, 9, v. 70.

(13). — Tácito, *Hist.* V, 5.

quer ainda definindo-os como indivíduos que não prestavam favores a ninguém que não professasse a mesma religião:

*Quidnam sortiti sabbata patrem
nihil praeter nubes et caeli numen adorant,
nec distare putant humana carne suillam
qua pater abstinuit, mox et praeputia ponunt.
Romanas autem soliti contemnere leges
Iudaicum ediscunt et servant ac metuunt ius
non monstrare vias eadem nisi sacra colenti,
quesitam ad fontem solos deducere verpos (14).*

Poder-se-ia perguntar a causa de tanto sectarismo. Teria havido um pacto secreto? Corria um boato que os judeus de Alexandria haviam jurado não favorecer a nenhum “estrangeiro”, máxime aos gregos (15). Não tomemos, contudo, esta acusação como digna de fé. Sua vida retraída e circumspecta, porém, levava a crer que assim fôsse.

Além de “ateus” eram considerados *misánthropoi* (16), na forma daquele *odium humani generis* (17) de que os cristãos também iriam ser acusados por sua vez, mais tarde. Esta “misanthropía”, justificada ou não, assumiu certamente sua forma expressiva nos preceitos fanáticos e sectários impostos aos *prosélytoi*, e que consistiam antes de mais nada no

*contemnere deos, exuere patriam, parentes, liberos,
fratres, vilia habere (18).*

Nada, portanto, mais lógico que o natural desprezo e aviltamento do romano para com aquela raça: abjeta” e “presunçosa”, “atéia” e “facciosa” e “desfrutadora” e que se blasonava de muito austera e puritana. O judeu, como tal, era-lhe asqueroso não só pelo simples facto de sua origem oriental como também por residir em bairros pobres e sórdidos tão comuns nas grandes cidades do Oriente. O facto de certos judeus se terem distinguido por qualidades incomuns, não alterava em nada a opinião geralmente aceita sobre eles. E o romano soube retribuir-lhes o isolamento com o ostracismo e a decidida segregação social. Note-se como se alinham em parelhas correspondentes as expressões *barbara superstitio* de Cícero (19), com a te-

(14). — Juvenal, *Sat.* XIV, 96-104.

(15). — Flávio Josefo, *Contra Apionem*, II, 10.

(16). — Flávio Josefo, *Contra Apionem*, II, 14.

(17). — Tácito, *Annales*, XV, 44.

(18). — Tácito, *Hist.*, V, 5.

(19). — Cícero, *Pro L. Valerio Flacco*, 28.

terrima gens de Tácito (20), a *despectissima pars servientium*. Também de Tácito (20), com a *perniciosa ceteris gens* de Quintiliano (21).

Na valuação dos testemunhos até agora arrolados, torna-se necessário evitar todo partidarismo. Essas provas aludidas não devem refletir a responsabilidade e a culpa unilateral dos judeus apenas, pois a realidade corresponde a uma mútua e recíproca atitude de uma mentalidade em oposição à outra e, por conseguinte ao choque de dois mundos espirituais entre si diametralmente antagônicos. Mas há sempre nesses mundos espirituais certo número de indivíduos que lhes não aceitam os dogmas, a filosofia e as normas, porque pensam numa esfera espiritualmente superior, na qual a mentalidade já formada e sólida lhes abre a visão sôbre os horizontes do futuro. O mundo greco-romano não oferecia mais, na sua trajetória espiritual, aquela satisfação interna que a religião deveria necessariamente dar. A cidade cosmopolita que desde alguns tempos acolhera certos ritos orientais, vive momentos de profundo transtôrno provocado pelas idéias heterogêneas sob forma de conceitos religiosos novos, verdadeiro fermento de problemas humanos e espirituais, nunca dantes percebidos.

Se por um lado muitos ficaram imunes desses influxos vindos de fora, prosseguindo pacificamente a viver no mundo das idéias tradicionais da sua civilização e cultura, houve por outro lado não poucos que, iniciados nas novas doutrinas, a elas se apegaram na convicção irreduzível de ter, afinal, encontrado aquela satisfação interna que a própria religião nacional já lhes não propiciava.

A diáspora judaica surgiu precisamente num momento de crise religiosa em Roma, onde, apesar de uma grande maioria indiferente ou conformada que a repelia, havia uma minoria sedenta de verdade transcendente que se interessava pela nova religião, aderindo a ela inclusive.

É natural, pois, que Horácio menosprezasse os judeus; que Petrônio os ridicularizasse; que o austero Tácito os julgasse tão apaixonadamente e com parcialidade quase desumana, talvez por ver que aquela gente se subtraía à autoridade do Império. Mas no meio desses representantes de uma acanhada consciência nacional, não faltou o nobre patricio amargurado pela degenerescência incontida e desenfreada dos antigos costumes pátrios; não deixou de haver o *cliens* incorformado e enfasiado da sua baixa e obscura condição; havia também o pensador que em vão buscava o fulcro onde se apoiassem sôlidamente suas idéias num mundo de pensamento em

(20). — Tácito, *Hist.*, V, 8.

(21). — Quintiliano, *Inst. orat.*, III, 7, 21.

turbilhão; achava-se ainda o escravo para quem Espártaco surgia como o sonho de uma baldada promessa; não estava ausente a matrona que, por sua natureza, achava atrativos em todos os mistérios dos cultos orientais (22); não faltava, por fim, o romano dotado de espírito perspicaz que, em suas múltiplas divindades, a tudo via, exceto o exemplo moral que deveria servir-lhe. Essas contingências do profundamente humano, tão próprias de seus deuses, avolumavam-se com a comparação estabelecida entre a religião nacional e a nova religião hebraica. Assim, muitos dos que se defrontavam com o judaísmo, autêntico em seus conceitos abstratos, compacto e firme em seus princípios morais, perguntavam-se a si próprios se, apesar da ousadia de alguns preceitos particulares, como também de sua baixa condição social, não encontrariam precisamente no judaísmo o início da tão esperada *sotéria*.

No mundo helênico falava-se de uma *sotéria* religiosa. O culto de *Sotér Serápis* partira de Alexandria desde o III século a. C., conseguindo logo adeptos no Império Romano e em Roma sobretudo. É difícil imaginar, portanto, como o judaísmo encontrasse entre esses espíritos irrequietos campo favorável para o proselitismo. Disso tirou o judeu seu proveito, indo ao seu encontro e favorecendo-lhes a aproximação.

Se de um lado a adesão integral no plano espiritual era quase impossível, satisfazia-se por outro com o compromisso parcial e até com a simples disposição interior da mente. O judeu era bastante psicólogo para disfarçar os óbices mais delicados para uma imediata e completa adesão; por isso reservou para um segundo estágio a doutrinação mais ampla e profunda, evitando inicialmente tocar no problema da superioridade de sua raça que advinha da consciência de ser o “povo eleito”; sôbre o espírito exclusivamente nacionalista e outros particulares ainda que poderiam melindrar o sentimento susceptível do romano.

Se a diáspora não tivesse agido com tamanha cautela, teria impossibilitado aos “de fora” tôda e qualquer aproximação. Importava antes de mais nada a escôlha inicial de alguns princípios fundamentais do Jeovismo, mais universais e menos judeus, mais humanos e menos específicos; importava sobretudo que aceitassem um deus único, espiritual, todo-poderoso, criador de tôdas as coisas e senhor de tôdas as criaturas, premissas condicionantes para lhes dar depois normas morais de ordem genérica.

(22). — É conhecida, por exemplo, a simpatia de Popéla Sabina, espôsa de Nero, pela religião mosaica (cf. Flácio Josefo, *Ant. Iud.*, XX, 8, 11). A Literatura Latina é rica de dados sôbre a participação da mulher romana nos mistérios de cultos orientais.

O corajoso romano que se tivesse resolvido para tanto já não era um odioso “alienígena” e “idólatra”, e sim uma esperança; não era considerado ainda membro da casa, mas já o amigo da família.

Poderia parecer que o judaísmo com isso tivesse renunciado à prerrogativa de nação privilegiada de Jeová. Tal, porém, não ocorreu, porque não obstante a imprevista alteração de sua atitude altiva, êsse privilégio continuou sempre de pé, apenas com esta diferença: em vez de arrogá-lo com exclusão dos demais não-judeus, subordinava-o à primazia de Israel.

A diáspora intensificou a propagação integral ou parcial da sua religião para torná-la simpática aos olhos dos romanos. Rarefez-se o antigo sentimento de superioridade e o exclusivismo religioso-nacional no momento em que as circunstâncias obrigaram os “dispersos” a fortalecer sua posição religiosa pela forma missionária. Outro modo não seria possível uma aproximação mais achegada e sua missão anunciadora estagnar-se-ia um reduto insignificante de “eleitos” à inútil espera de convertidos. Essa conscientização missionária se vitalizou sobre os alicerces escriturísticos. O antigo profeta Isaías já se pronunciara acêrca da missão do “servo de Jeová”:

(...); *vou fazer de ti a luz das nações,
para propagar minha salvação até os confins do mundo* (23).

No desempenho dessa missão redentora o “servo de Jeová” deveria passar, conforme a profecia, pelo crisol das perseguições, do escárnio e dos vexames (24). O judeu da diáspora percebera que era precisamente êle o alvo sobre o qual recaíam tôdas as previsões anunciadas pelo Profeta. Urgia pois trabalhar, porque êsses sinais caracterizavam a chegada próxima do triunfo universal. O clima de esperança para um futuro esplendor de Jerusalém e de Sião como centro do reino messiânico advinha também da consciência de duas passagens bíblicas, uma de Isaías, outra de Miquéias:

*Para aí acorrerão tôdas as gentes,
e os povos, dirão êles, subamos à montanha do Senhor,
êle nos ensinará seus caminhos,
porque de Sião deve sair a lei
e de Jerusalém, a palavra do Senhor* (25).

Com a dispersão do judaísmo pelo mundo inteiro chegara o momento de Israel se arvorar em mestre do mundo, enveredando os povos nos caminhos do seu Deus. Êsse pressuposto histórico parece

(23). — Isaías, 49, 6, cf. *Atos dos Apóst.*, 13, 47 et seq.

(24). — Isaías, 50, 6; 52, 13; 53, 11.

(25). — Isaías, 50, 6, cf. *Miséias* — 4, 1-2.

ter levado o Apóstolo Paulo a apostrofar o judeu da dispersão em geral, e o de Roma em particular:

*Mas tu que és chamado Judeu e te apóias na lei,
e te glorias de teu Deus; tu, que sabes a sua
vontade, e instruído pela Lei sabes aquilatar
a diferença das coisas; tu que presumes ser guia
dos cegos, luzeiro dos que estão em trevas, doutor
dos ignorantes, mestre dos simples, porque encontras
na Lei a regra da ciência e da verdade (26).*

O meio de difusão teria sido, a princípio, a pregação da palavra, secundada especialmente entre a classe culta, por escritos que pouco êxito alcançaram. Traíam os interesses dos autores, e bastava lê-los superficialmente para esclamar com Horácio:

*(...); credat Iudaeus Apella,
non ego, (...) (27).*

Não há negar que o meio de propagação mais eficiente não fôsse a literatura religiosa pròpriamente dita, e sim a difusão desbagoada, paciente, industriosa e infatigável das relações humanas, sempre intensa na pregação oral, consensada no célebre verso de Horácio:

*veluti te Iudaei cogemus in hanc concedere
turbam (28).*

Não custa imaginar como o comerciante judeu cercasse o provável prosélito de atenções, convites, rogos e aliciamentos até ceder à insistência quase coerciva (*cogemus*). O Evangelista Mateus é testemunha dos sacrifícios de que eram capazes os escribas e fariseus para fazer um “único prosélito”:

*Ai de vós escribas e fariseus hipócritas! Percorreis
mares e terras para fazer um prosélito e, quando o
conseguis, fazei dêle um filho do inferno duas vezes
pior que vós mesmos (29).*

Verdade é que as palavras de Cristo, relatadas pelo Evangelista foram dirigidas a uma parte apenas de judeus (escribas e fariseus) e, objetivamente aos da Palestina, contemporâneos do próprio

(26). — São Paulo, *Epíst. aos Romanos*, 2, 17-20.

(27). — Horácio, *Sat.* I, 5, v. 100.

(28). — Horácio, *Sat.* I, 4, v. 142-143.

(29). — Mateus, *Evangelho*, 23, 15.

Cristo. O seu espírito, contudo, vigoraria também para a diáspora tôda extendendo-se pelos tempos que haveriam de seguir.

Nesse afã proselítico, claro está que a sinagoga acolhia todos os que se interessassem pelo Jeovismo; em sua grande maioria eram pessoas de baixa condição social: escravos, libertos e plebeus, se dermos crédito às fontes literárias da época. Não faltavam, como já se viu, pessoas respeitáveis, que se acercavam do judaísmo levadas por motivos interiores. Se uns de decidiam dar êsse passo com nobreza de espírito, houve por outro lado os que o fizeram por mera conveniência: isenção do serviço militar ou interesses comerciais, ou até o meio para poder desposar uma judia. E com certeza houve também adeptos curiosos e os sedentos de novidades.

Era, pois, natural que muitos desertassem logo e que outros, reconhecendo embora a superioridade da nova religião, não tivessem aderido a ela em plenitude, mas apenas sob *forma mentis*.

O sucesso da propaganda devia ter atingido efeitos de grande mole, pois onde quer que os judeus se tenham estabelecido, muitos de seus costumes e tradições foram assimilados pelos "gentios". Se dermos crédito a S. Agostinho, tentando reproduzir o pensamento de Sêneca, teremos prova do "mimetismo" que tinha raízes hebréias:

*Illi (scil. Iudaei) tamen causas ritus sui noverunt;
maior pars populi (scil. non Iudaei) facit, quod cur
faciat ignorat (30).*

De resto, ainda antes, o próprio Flávio Josefo escrevera a respeito:

*(...); neque ulla vel Graecorum urbs est vel barbarorum,
neque ulla gens, ad quam non pervenerit septimi
diei, quem otiosi traducimus, celebrandi consuetudo;
et apud quam ieiunia, et lucernarum incensiones, et
multa quae nobis comedere nefas est non observentur (31).*

Não se pode negar a essas palavras certa ênfase retórica, como não podemos também desprezar-lhe certa substância verídica. Pérsio, o mordaz poeta satírico romano, alude ao fato de se ter generalizado em Roma o costume do repouso sabático, o uso das lâmpadas e a observância do jejum:

..... At quum
*Herodis venere dies, unctaque fenestra
dispositae pinguem nebulam vomuere lucernae*

(30). — Santo Agostinho, *De civitate Dei*, VI, 11.

(31). — Flávio Josefo, *Contra Apionem*, II, 39.

*portantes violas, rubrumque amplexa catinum
cauda natat thynni, tumet alba fidelia vino;
Labra moves tacitus, recutitaque sabbata palles* (32).

Sêneca não é menos incisivo em objurgar o uso de se acender uma candeia nos sábados:

*Accendere aliquem lucernam sabbatis prohibeamus,
quoniam nec lumine dii egent, ne homines quidem
delectantur fuligine* (33).

Essa larga difusão de costumes judaicos não se deve atribuir à exclusividade dos *prosélytoi* e ao fenômeno conscientemente religioso. Importa ressaltar aquêle “mimetismo”, aliás natural num mundo como o romano, tão propenso ao formalismo supersticioso, máxime entre as mulheres sempre ávidas de “curiosidades”.

Não temos elementos para averiguar, em cálculos aproximados o número dos “simpatizantes” ou de “prosélitos” em Roma. Devemos admiti-los sem precisar-lhes as cifras, face à insistência dos poetas satíricos romanos. Preocupados com o progresso do proselitismo, fizeram dos adeptos da religião mosaica alvo do seu sarcasmo (34) repleto de *italicum acetum*.

Suetônio é muito categórico na sua informação; discrimina os verdadeiros judeus de origem daqueles que apenas adotaram o seu sistema de vida sem no entanto serem-no de fato:

*Praeter ceteros Iudaicus fiscus acerbissime actus
est: ad quem deferebantur, qui vel improfessi Iudaicam
inter Urbem viverent vitam, vel, dissimulata origine,
imposita genti tributa non perpendissent* (35).

Desde muito era notório que os judeus adoravam um Deus não representado em imagem, cultuado num único templo (36): o de

(32). — Pérsio, *Sat.* V, 180-184.

(33). — Sêneca, *Epist. ad Lucillium*, 95.

(34). — *Cf.* Estácio, *Silvae*, I, 4, v. 72-74; Marco Valério Flaco, XII, 57, v. 13-14; Horácio, *Sat.* I, 4, v. 142-143; I, 5, v. 100, I, 9, v. 69-70; Juvenal, *Sat.* III, 10-16; III, 296; VI, 151-160; 542-547; XIV, 96-106; Marcial, *Eptgr.* I, 42, v. 3-6; IV, 4, v. 7; VII, 30, v. 5; VII, 36, v. 3-4; VII, 82, v. 5-6; VIII, 55, v. 6-8. XI, v. 1-8; Ovídio, *Remedia amoris*, 219-220; *Ars amandí*, I, 75, v. 415-416; Pérsio, *Sat.* V, 5, v. 179-184; Petrónio, *Frgam.* 37 (27). É o que pudemos levantar da leitura dos poetas romanos, satíricos especialmente.

(35). — Suetônio, *Hist.* (Vita Domitiani, 12). Na interpretação dessa passagem, prefiro não reabrir a já viciada querela, considerando (como alguns) que o passo em questão se refira unicamente aos “cristãos” os quais então não passavam se simples “seita” judaica.

(36). — Tácito, *Hist.*, V, 5.

Jerusalém. Uma e outra coisa podiam talvez ser para a multidão ignara motivo de repugnância e desprezo, como a circuncisão (37).

Mas sôbre as pessoas dotadas de certa cultura e formação religiosa, a doutrina mosaica devia ter excido profunda impressão e invulgar fascínio. Pelos caracteres unidos ao monoteísmo, a religião judaica parecia elevada ao grau da filosofia, caracterizada por um tipo de vida espiritual e religiosa superior a tôdas as demais manifestações congêneres.

A adesão dos romanos ao hebraísmo percorreu todos os degraus possíveis, desde a aceitação supersticiosa de alguns ritos (38), até a identificação com ela: em *forma mentis* primeiro, em sua plenitude depois. Claro está que a maioria dos convertidos consistia dos *sebómenoi* ou *phobúmenoi tôn theón*, ao passo que os verdadeiros *prosélytoi*, i, é, convertidos integralmente com a obrigação de observar tôda a Lei, eram poucos entre os romanos.

Cumpre distingüir aqui duas categorias distintas de convertidos: *prosélytoi* e *sebómenoi* (ou *phobúmenoi tôn theón*). Os primeiros constituíam o grau superior por excelência, pois, pelo rito da circuncisão tornavam-se realmente parte do “povo eleito”, gozando teòricamente de todos os direitos de um judeu de nascimento. Os segundos, de grau inferior e menos perfeito, eram apenas simpatizantes. Exigia-se dêles além da adesão doutrinal, ou seja a prática do monoteísmo, a observância do descanso sabático, a dos jejuns, uma contribuição financeira para o Templo e o cumprimento de certas prescrições relativas à alimentação. Os “prosélitos”, porém, eram obrigados à execução fiel de tôda a Lei (39), como os judeus natos.

É muito alusivo o fato de uma maioria de *sebómenoi* nas fileiras dos convertidos, reduzindo-se assim o número dos autênticos “prosélitos”. O verdadeiro móvel repousa talvez no obstáculo que os *sebómenoi* encontravam para abraçar a Lei integral. Aceitar a circuncisão, encargo sem dúvida o mais oneroso para o romano, reflete, nas referências dos autores clássicos, a natural aversão por ela. Além do mais, é preciso admitir que a circuncisão repugnava aos romanos não apenas como rito abjeto em si, mas sobretudo porque viam nela a integração total e incondicional à nação judia. E, como consequência, o abandono da nacionalidade romana, das tradições

(37). — É curioso notar a aversão natural do romano para a prática da circuncisão. Não há autor latino (poeta ou historiador) que não fale dela com ostensivo desdém.

(38). — Com relação ao “mimetismo” religioso remeto o leitor aos números que provocam as notas 30, 31, 32, 33 e 34.

(39). — São Paulo, *Epíst. aos Gálatas*, 53: “E atesto novamente, a todos o homem que se circuncidar: êle está obrigado a observar tôda a Lei!”.

pátrias e até dos próprios parentes não convertidos, conforme evidência Tácito:

Trangressi in mores eorum, idem usurpant; nec quidnam imbuuntur, quam contemnere deos, exuere patriam, parentes, liberos, fratres vilia habere (40).

O caráter nacionalista do romano impedia-o de aceitar na íntegra a fé israelítica. Daí a maioria tocada por seus dogmas limitar-se a aceitar a nova crença como um *actus* ou *obsequium mentis*, frequentando a sinagoga, observando certas normas religiosas, sem contudo submeter-se à circuncisão, ficando dêsse modo na condição de *sebómeno*, o que equivale a uma semi-adesão.

Para explicar, finalmente, o resultado eficaz da propaganda proselítica em Roma, não se podem omitir certas considerações sobre o *Sibilismo* (41).

Quando um judeu amante do bem e da verdade queria dirigir aos pagãos advertências e conselhos, fazia falar uma *Sibila*, profetisa do mundo idólatra, a fim de que se valorizassem as suas prédicas. Tomava o tom dos oráculos eritreus, procurava imitar o estilo tradicional da poesia profética dos gregos, lançava mãos das ameaças versificadas que tanto impressionavam o povo e enquadrava-as em piedosos sermões.

O *Sibilismo* nasceu em Alexandria precisamente no momento em que a opinião do tempo era que o ciclo dos profetas (hebreus) estava fechado e que mais ninguém poderia afagar a pretensão de os igualar. O autor que quisesse valorizar a autoridade do seu pensamento cobria-se com o pseudônimo de um “filho dileto de Deus” e arrojadamente lançava o seu livro. Esse procedimento não provocava a sombra de um escrúpulo ao falsificador, visto que êle sacrificava a sua personalidade para lançar uma idéia. Também não lhe passava pela mente o vexar um sábio antigo, porque imaginava até honrá-lo atribuindo-lhe idéias tão simpáticas e tão extraordinários pensamentos como a conversão dos “idolátras”.

O público, na sua ignorância crítica, não podia levantar objeções. Em Alexandria e Roma, onde os judeus conheciam a literatura grega e onde pretendiam exercer uma influência moral sobre os pagãos, os falsificadores escolheram os mais reputados nomes de filóso-

(40). — Tácito, *Hist.*, V, 5.

(41). — Andavam nas mãos do público pequenos poemas atribuídos às Sibilas de Cumas e da Eritréia, prenhes de ameaças, presagiando catástrofes para diferentes países. Tais vaticínios, cujo efeito era decisivo sobre as imaginações, sobretudo quando as coincidências fortuitas os justificavam, eram escritos em hexâmetros datílicos, numa linguagem querendo imitar a de Homero.

fos empralistas. O fim das obras era sempre o mesmo: pregar aos “idólatras” o deísmo e uns preceitos morais básicos, isto é, um judaísmo reduzido às proporções de de uma lei natural. Só se determinavam três jejuns, o que para os judeus tolerantes eram leis naturais.

Junto da compilação judaica de textos clássicos, cujo artifício consistia em pôr na bôca dos filósofos e moralistas gregos as máximas que se pretendiam divulgar, apareceu já no II século a. C. um exemplar formosamente belo e aliciante como este:

*Feliz o que adora o deus grande,
o que não foi moldado pelas mãos do homem,
que não tem templos,
que os mortais não podem ver,
que as mãos não podem medir.
Felizes os que rezam antes de comer e beber,
que, ao olhar os templos, estremecem de horror
por ver os seus altares manchados
com o sangue das vítimas sacrificadas.
Apavoram-nos o assassinato,
o ganho desonesto, o adultério
e os crimes contra a natureza.
Os outros homens,
entregues à perversidade dos seus desejos,
perseguem estes santos com sarcasmos e injúrias;
na sua loucura acusam-nos
de crimes que eles mesmos cometem;
mas o juízo de Deus há de cumprir-se.
Os ímpios serão precipitados nas trevas;
os homens piedosos habitarão a terra fértil
e terão graça e vida por obra do Espírito de Deus (42).*

Eis, em suma, os motivos que levaram o *Jeovismo* a evidenciar-se, em Roma sobremaneira, e a distinguir-se eminentemente na crise religiosa do mundo romano em busca de alívio e de promessas que a tradicional religião, já gasta e viciada de formalismo, não podia mais oferecer a quem seriamente se preocupasse com os transcendente.

Pouco importa que os mordazes romanos (poetas satíricos especialmente) tenham päsentado a “nobre” religião quase caricaturescamente; isso demonstra sua preocupação face a uma realidade: a capitulação do Panteão romano, curiosamente provocada por uma nação do *tertium genus*, o que na soberba do *genus primum* era-lhes simplesmente inadmissível e doloroso.

(42). — *Carmina Sibyllina*, II, § 2 e 4.

Os cemitérios judaicos em Roma dão-nos provas do florescimento da sinagoga na capital do mundo, e são testemunhos autênticos não só da preservação da fé no “Deus dos seus pais” como também dos resultados da sua obra missionária à cata de convertidos.

(Continua).